

Nos Cieps inacabados, a educação cede vez à miséria

Desabrigados, catadores de papel, biscateiros, vendedores ambulantes e mendigos substituem as 700 crianças que deveriam cursar o ensino de Primeiro Grau, da 5ª à 8ª série, no Ciep de Acari, na Avenida Brasil, em frente ao Conjunto Amarelinho e à Ceasa de Irajá. A construção, inacabada, abriga hoje cerca de 80 famílias, vindas de Cabuçu, da Favela de Acari e vários outros pontos da Zona Norte. Na fachada, a estrutura de concreto idealizada pelo arquiteto Oscar Niemeyer apresenta enxertos de madeira, tijolos, panos e plásticos, comuns a qualquer favela.

O Ciep de Acari consta da lista das primeiras 60 unidades que deveriam começar a funcionar, ainda em 1985, recebendo menores carentes para período letivo integral, das 8h às 17h, com direito a café da manhã, sopa, banho, atendimento médico e odontológico. A construção já estava no final quando foi abandonada. Com as instalações elétricas e hidráulicas já prontas, faltava apenas instalar janelas, portas, peças do banheiro e mobiliário.

A invasão do prédio começou há dois anos e agora a retomada da construção traria um problema a mais: para onde mandar as famílias que já se sentem donas do espaço que ocuparam? Esta é a apreensão de todos os "condôminos" do imenso cortiço no qual se transformou não apenas o Ciep de Acari, mas outros 103 abandonados por todo o Estado do Rio, em fase inicial, intermediária ou final de construção.

Sueli Alberto de Oliveira, de 26 anos, divide com o marido Josué e a filha Josiane, de seis meses, um dos "quartos" do Ciep de Acari, que tem todos os três andares ocupados. Enquanto preparava o almoço no cômodo decorado com páginas de revistas e panos coloridos, dizia com convicção que dali não sairia de jeito nenhum. O marido, segundo ela, faz biscates ajudando a descarregar caminhões e quando consegue um bom rendimento, não passa de NCZ\$ 500 por mês.

Além de água e luz, os invasores contam com outra vantagem: a proximidade com a Ceasa. De dois em dois dias, um caminhão descarrega no terreno do Ciep os restos dos legumes, verduras e frutas vendidos para atacadistas, o que garante a alimentação das crianças. O que deveria ser a quadra coberta de esportes, na frente do prédio, virou cavalaria para outro morador, que guarda ali as duas carroças e os dois cavalos que utiliza no recolhimento diário de papelão pelas ruas do bairro.

Os banheiros, já com divisórias de mármore, também se transformaram em quartos e um deles abriga o invasor mais antigo, Lázaro da Silva, que não tem ocupação definida. Alguns dos moradores não sabem sequer o sobrenome, como Maria Inez, de 33 anos, que divide um dos cômodos com três filhos e o companheiro. Uma enchente destruiu o barraco onde moravam, em Cabuçu, e eles engrossaram a população da "Favela do Ciep".

Foto Guilherme Bastos



Famílias inteiras de desempregados e subempregados ocupam o Ciep de Acari, cujas obras nunca foram concluídas